

Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas

**Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
(Organizadores)**



Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas

**Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
(Organizadores)**



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	Teoria, prática e metodologias das ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-808-3 DOI 10.22533/at.ed.983192811 1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura. CDD 001.42
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra, intitulada “Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas” versa sobre relatos e experiências de professores e investigadores da área das Ciências Humanas ou afins, sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em seus contextos. Cada vez mais, o discurso entre teoria, prática e metodologias ganha força no cenário educacional, percebe-se de forma especial, que essa discussão prima pela melhoria da incubação, implementação e avaliação do uso de diferentes estratégias de ensino como aporte metodológico para o processo de ensinagem e aprendizagem.

É nítido, que cada vez mais a investigação científica vem tendo papel de destaque nas transformações sociais. Isso implica, um olhar especial para os trabalhos [investigações] desenvolvid@s dentro e fora das instituições de ensino, principalmente, àqueles que formalizam e sistematizam o conhecimento e a intersecção entre a dimensão teórica e prática.

Diante o exposto, apresentamos a obra, que traz em seu bojo 13 textos diversos, frutos de práticas diferenciadas, desenvolvidas também, em contextos diferenciados, por investigadores ávidos pelo desenvolvimento das Ciências Humanas. Uma obra, que nos chama a atenção, por ter dado voz a sujeitos muitas das vezes anônimos, que trazem para o cenário científico suas experiências, abrindo um leque de possibilidades de discussões e reflexões, de temas que transitam nos liames da teoria, da prática e das metodologias, tais como: Práticas Pedagógicas; Formação Continuada; Políticas Educacionais; Uso das Tecnologias; Epistemologia Evolucionária; A música como prática pedagógica; Ciências Cognitivas; Identidade; Moda, tendências manifestos, entre outros.

Esperamos que esta obra possa colaborar com seus anseios pessoais, profissionais ou de investigação, aguçando discussões e reflexões que possam propagar o pensamento epistemológico da Ciências Humanas nas dimensões do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO CONTINUADA: ENTRE A LEI E A PRÁTICA DOCENTE	
Wilcker Pereira Silva D`Orazio	
Letícia Soares Veado	
Elisabete Alerico Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.9831928111	
CAPÍTULO 2	9
USO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
Sirlei Alferes da Silva	
Tony Alexandre Medeiros da Silva	
Kézia Adelita Campos Medeiros da Silva	
Maria Rosa Alferes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9831928112	
CAPÍTULO 3	19
ARRANJO E REGÊNCIA CORAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE MÚSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	
Renan Luís Balzan	
DOI 10.22533/at.ed.9831928113	
CAPÍTULO 4	28
ACIDENTES DE TRÂNSITO EM IDOSAS BRASILEIRAS: VARIAÇÕES REGIONAIS, ETÁRIAS E INFLUÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS	
Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes	
Rislayne Gomes Ferreira	
Ana Patrícia da Silva Alves	
Rosana Alves de Melo	
Maria Elda Alves de Lacerda Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9831928114	
CAPÍTULO 5	38
A VINCULAÇÃO ENTRE <i>EPISTEMOLOGIA EVOLUCIONÁRIA</i> E LINGUAGEM SEGUNDO KARL RAIMUND POPPER	
Antônio Carlos Persegueiro	
DOI 10.22533/at.ed.9831928115	
CAPÍTULO 6	54
ANA CRISTINA CESAR: HABILITAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DA IRONIA	
André Luís de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.9831928116	
CAPÍTULO 7	62
DAS CIÊNCIAS DA COGNIÇÃO À CIÊNCIA COGNITIVA - NOVA ÁREA EPISTEMOLÓGICA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9831928117	

CAPÍTULO 8	88
O MANIFESTO DA MODA NA ARQUITETURA	
Paula Giacomoni Bragagnolo	
Julia Isoppo Picoli	
DOI 10.22533/at.ed.9831928118	
CAPÍTULO 9	95
MEMÓRIA E IDENTIDADE NO QUILOMBO SACO DAS ALMAS: LUTA, RESISTÊNCIA E DIREITOS QUILOMBOLAS	
Daciléia Lima Ferreira	
Conceição de Maria Belfort de Carvalho	
Josenildo Campos Brussio	
Vanessa Cristina Ramos Fonsêca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9831928119	
CAPÍTULO 10	114
SOBRE O PADRÃO DE GOSTO EM DAVID HUME	
Valéria Andressa Teixeira	
Ernesto Maria Giusti	
DOI 10.22533/at.ed.98319281110	
CAPÍTULO 11	118
SIX WEEKS TO MARS: DESENVOLVIMENTO DE UM COMPANHEIRO ROBÓTICO AFETIVO DE BRINQUEDO	
Marcello Caldas Bressan	
Helda Oliveira Barros	
José Carlos Porto Arcoverde Junior	
Luiz Francisco Alves de Araújo	
Walter Franklin Marques Correia	
DOI 10.22533/at.ed.98319281111	
CAPÍTULO 12	134
VARIABILIDADE CLIMÁTICA DE GUANHÃES-MG ENTRE 2008 E 2017: AVALIAÇÃO DOS EVENTOS EXTREMOS	
Matheus Marques da Silva	
Humberto Catuzzo	
DOI 10.22533/at.ed.98319281112	
CAPÍTULO 13	148
REFÚGIO, NARRATIVAS E HISTÓRIAS: MIGRAÇÕES E EXPERIÊNCIAS NA AMAZÔNIA	
Josué Carlos Souza dos Santos	
Gilvete de Lima Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.98319281113	
SOBRE OS ORGANIZADORES	161
ÍNDICE REMISSIVO	162

ARRANJO E REGÊNCIA CORAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE MÚSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Renan Luís Balzan

Centro Universitário Metodista IPA

Porto Alegre – RS

RESUMO: Este trabalho apresenta um relato de experiência, baseado em um estágio curricular supervisionado, requisito parcial para a graduação em um curso de licenciatura em música, na cidade de Porto Alegre/RS. O estágio foi realizado no coro universitário da mesma universidade e, aliando às práticas de canto coral, composição e arranjo, teve como tema o ensaio e regência de um arranjo próprio, a quatro vozes, da música *Baião*, de Luiz Gonzaga. O objetivo do trabalho foi desenvolver nos alunos a sensibilidade e as habilidades necessárias para a atividade do canto coral, importante recurso para o profissional que pretendem atuar na escola básica, ou mesmo em ambientes não escolares como empresas, escolas de música ou grupos religiosos. À medida que o arranjo tomava forma pela primeira vez, motivação e ansiedade se sobrepunham. Essa dicotomia de sentimentos desperta reflexões a respeito das pressões psicológicas constantes que o regente pode sofrer, sejam elas decorrentes do pouco tempo de ensaio, limitações técnicas dos cantores, resultados práticos exigidos por

patrocinadores, ou mesmo a própria autocrítica. Por fim, essa experiência, possibilitou conhecer melhor as habilidades que o regente/arranjador precisa conhecer para trabalhar na área do canto coral, indo muito além do domínio dos conteúdos teóricos musicais, exigindo estudo e capacitação contínua.

PALAVRAS-CHAVE: regência coral, estágio curricular em música, arranjo.

ARRANGEMENT AND CHORAL CONDUCTING AS PEDAGOGICAL PRACTICE IN MUSIC CLASSES: EXPERIENCE REPORT ON A SUPERVISED INTERNSHIP

ABSTRACT: This paper presents an experience report, based on a supervised curricular internship, a partial requirement for graduation in a music degree course, in Porto Alegre/RS. The internship was held at the university choir of the same university and, in combination with the practices of choral singing, composition and arrangement, had as its theme the rehearsal and conducting of its own four-voice arrangement of Luiz Gonzaga's *Baião* music. The aim of the work was to develop in students the sensitivity and skills which are necessary for

the activity of choral singing, an important resource for professionals who intend to work in elementary school, or even in non-school environments such as companies, music schools or religious groups. As the arrangement first took shape, motivation and anxiety overlapped. This dichotomy of feelings arouses reflections about the constant psychological pressures that the conductor may suffer, whether due to the short rehearsal time, technical limitations of the singers, practical results demanded by sponsors, or even self-criticism. Finally, this experience made it possible to better understand the skills that the conductor / arranger needs to know in order for working in the area of choral singing, going far beyond the mastery of theoretical music content, requiring continuous study and training.

KEYWORDS: choral conducting, curricular internship in music, arrangement.

1 | INTRODUÇÃO

Em um momento da história do Brasil que vemos a educação musical voltar a fazer parte do currículo escolar; cursos de licenciatura em música oferecem uma oportunidade de qualificação e aquisição de diversas habilidades, necessárias para a prática da docência.

Dentre essas habilidades, acredito que a capacidade de trabalhar com o canto coral seja essencial para quem pretende atuar na escola básica, em ambientes não escolares como empresas, escolas de música ou grupos religiosos. Um aspecto muito importante do canto coral é sua capacidade de integração social. Observa-se que “[...] está presente na grande maioria das culturas mundiais, o que mostra que esta atividade é um tipo de ação especificamente social, cultural e humana.” (BAQUERO apud NASCIMENTO; BUSS, 2011, p. 48).

Estudos apontam para um crescimento dessa prática atualmente, provavelmente:

[...] pelo fato de que cantar em coro é uma experiência afetiva marcante que oportuniza o desenvolvimento individual e coletivo: ampliando a musicalidade e a capacidade de se expressar através da voz, bem como, a possibilidade de vir a executar obras que tocam o cognitivo, ensejando o crescimento intelectual e afetivo do cantor e de outros agentes envolvidos; o desenvolvimento da sociabilidade e da capacidade de exercer uma atividade em conjunto, onde existem os momentos certos para se projetar e se recolher, para dar e receber. (FIGUEIREDO apud NASCIMENTO; BUSS, 2011, p. 39).

Outras habilidades que considero essenciais na formação do profissional, professor de música, são a composição e o arranjo. Como expõe Swanwick (apud FRANÇA; SWANWICK, 2002, p. 9): “[...] a composição é uma ferramenta poderosa para desenvolver a compreensão sobre o funcionamento dos elementos musicais, pois permite um relacionamento direto com o material sonoro”.

Composição e arranjo – a meu ver – são atividades muito próximas e que

exigem um processo de externalização de ideias e criatividade. Ao trabalhar em um arranjo, estamos (de certa forma) compondo; deixamos naquela música um pouco da nossa visão sobre ela, nossa personalidade. Como descreve Flávia Pereira, em sua tese de doutorado: “[...] na música popular podemos comentar que o arranjo é tão importante que parece que esse gênero se apropriou deste termo, fazendo do arranjo a própria composição.” (PEREIRA, 2011, p. 176).

Esse trabalho expõe minha experiência em relação ao terceiro estágio curricular supervisionado (realizado em espaço não escolar), exigido como requisito parcial para a graduação em um curso de Licenciatura em Música. Com o intuito de desenvolver as habilidades citadas, busco – com esse relato – contribuir com possíveis práticas pedagógicas que relacionam regência, canto coral e arranjo, de modo a explorar e adquirir ferramentas que permitam uma prática docente de integração social, buscando uma capacitação mais completa como educador musical.

2 | CONTEXTUALIZAÇÃO

O local escolhido para as atividades foi um coro universitário na cidade de Porto Alegre/RS, fundado em 2015. No projeto do coro, constava que o grupo teria a finalidade de desenvolver o estudo do canto coral por meio de um repertório eclético, do qual se distinguisse *standards* de *jazz*, música internacional e a música popular brasileira, com expressividade corporal e cênica aliada à expressão vocal. Também propunha fornecer à Instituição apresentações dos trabalhos desenvolvidos, além de realizar encontro de coros e apresentações em outras instituições de ensino e comunidade em geral.

Contando com cerca de 25 integrantes – de idade entre 18 e 25 anos – alunos do curso de Música da mesma universidade. Como não havia a exigência de prova de conhecimentos específicos para a entrada, as habilidades dos cantores eram muito variadas, desde os que possuíam ampla experiência musical, até os que presenciavam seu primeiro contato com teoria musical e canto, o que exigia da regente muita repetição das partes de cada naipe, ao longo do estudo das músicas escolhidas, para a memorização dos cantores. O repertório mais comum ensaiado pelo grupo se encontrava no gênero popular, a três e a quatro vozes.

Ao final de cada semestre, os alunos recebiam um certificado de participação, que comprovaria as horas complementares cursadas.

3 | PROPOSTA DE ESTÁGIO

Com o tema *Ensaio e Regência coral, de um arranjo próprio da música Baião, de Luiz Gonzaga*, as atividades propunham auxiliar o aluno a desenvolver a sensibilidade e as habilidades necessárias para a atividade do canto coral, interessando-se para o repertório da música popular Brasileira.

A proposta justifica-se, pois, no contexto de multiculturalidade encontrada em sala de aula e dificuldade de acesso a instrumentos musicais e estrutura ideal em muitos locais (principalmente no âmbito da escola pública), as atividades musicais que utilizem a voz e a prática em conjunto se tornam indispensáveis e extremamente adequadas.

A metodologia utilizada se baseou em aulas teórico/expositivas (audição de gravações, contextualização sobre o compositor da música trabalhada, análise de partitura); utilização de arranjo próprio (a quatro vozes) para as atividades; exercícios de relaxamento e aquecimento vocal em grupo; prática de ensaio em grupo e por naipes separados e apresentação aberta ao público.

A avaliação teve foco nos seguintes aspectos:

1. Entendimento dos princípios apresentados pelo regente e presentes no arranjo vocal, tais como: gênero da obra; dinâmicas; vozes com as linhas melódicas principais; finalizações de frases; sonoridade, afinação e técnica vocal adequada;
2. Empenho e qualidade da execução da música trabalhada ao final do período de regências;
3. Interesse, vontade de aprender e superar as dificuldades; participação durante as aulas.

4 | ATIVIDADES PRÁTICAS

Ao longo das observações, elaborei um plano de ensino que justificava e embasava o meu tema de estágio, além dos planos de aula que me auxiliariam durante as regências. Nesse planejamento, dividi a partitura do arranjo em pequenas partes, com a intenção de trabalhar esses pequenos trechos em cada ensaio, ensinando cada linha melódica – separadamente – juntando as vozes em seguida. A cada ensaio, uma pequena revisão seria feita do trecho trabalhado, seguindo para o próximo. Ainda haveria a possibilidade de incluir uma linha rítmica de percussão corporal, caso houvesse tempo suficiente.

No primeiro ensaio, expliquei que trabalharíamos um arranjo próprio da música *Baião*, de Luiz Gonzaga. Para familiarizar os cantores com a música e com as características estéticas do gênero “Baião”, mostrei uma gravação executada pelo próprio Luiz Gonzaga. Como afirma Borges (2007, p. 14):

[...] o grupo interpretará e cantará mais convictamente se souber as diferenças entre os estilos musicais, pois saberá o porquê de cantar de tal maneira em certa música. Então, o regente deve falar sobre o estilo referente à música que será cantada.

Para minha surpresa, percebi que alguns dos coralistas não conheciam essa música. A professora, então, comentou que deveriam conhecer, pois esse era um dos grandes clássicos da música popular brasileira.

Considerando que os recursos digitais como os *smartphones* e as redes sociais “[...] têm causado uma modificação acentuada na velocidade da informação e desenvolvimento tecnológico, acelerando em um ritmo vertiginoso o ambiente em que vivemos.” (GABRIEL, 2013, p. 3), busquei a inclusão de novas tecnologias que pudessem auxiliar o meu trabalho durante o estágio. Como expõe Marta Gabriel (2013, p. 6):

As necessidades educacionais decorrentes desse novo contexto emergente têm se tonado diferentes já há pelo menos duas décadas – as exigências, experiências e expectativas dos jovens perante um professor e perante a escola tradicional se modificaram.

Dessa forma, mostrei a gravação da execução sintetizada do arranjo (*sampler*) para que a turma tivesse uma noção aproximada de como soaria a música, com as quatro vozes juntas. Informei também que já havia disponibilizado no grupo do coro (no *Whatsapp*), os arquivos de áudio com cada uma das linhas melódicas do arranjo, tocadas separadamente, para que estudassem também em casa. Após as audições, comentei que a introdução da música havia sido criada por mim, não existindo na gravação original. Iniciei o ensaio da primeira metade da introdução. Assim que consegui um resultado satisfatório na execução do trecho trabalhado, continuei com a segunda metade da introdução, passando separadamente cada uma das vozes.

Ao longo dos ensaios, para que os cantores adquirissem segurança, utilizei a técnica baseada no ensaio das melodias separadas, juntando duas a duas, até a execução posterior à quarto vozes.

Como afirma Clemente (2014, p. 102):

Uma estratégia predominante entre todos os regentes para essa etapa de juntar todas as vozes é demonstrar todas as relações possíveis entre as melodias dos naipes. [...] A percepção dessas relações serve para facilitar a compreensão do arranjo como um todo e assim aperfeiçoar a execução.

Nesse primeiro contato do coro com a peça musical, o regente é o responsável pela transmissão da intenção do arranjador e da estrutura da obra como um todo, para o grupo.

É importante:

[...] lembrar-se sempre de que o cantor não tem o discurso musical inteiro no processo do ensaio; ele depende de você para compreender o texto musical e

realizá-lo por inteiro. O ajuste final é do regente, mas, até lá, a orientação foi dada em função das possibilidades do cantor. (KERR apud PRUETER, 2010, p. 14).

No segundo e terceiro ensaios, passamos para a primeira seção do arranjo (após a introdução) e continuamos o aprendizado de cada uma das linhas melódicas, sempre tocadas ao piano e cantadas. Expliquei que, enquanto a voz dos baixos cumpriria a função do instrumento “contrabaixo” na orquestra, os tenores e contraltos executariam os ataques das notas ao estilo de um “naipe metais”.

O cuidado com o aprendizado das melodias pelo coro, nesse primeiro contato com um arranjo novo, é essencial e exige muita atenção.

Como nos explica Clemente (2014, p. 90):

O ensino das melodias é o primeiro passo para o ensino de músicas novas e é fundamental para a boa execução harmônica, pois se os cantores não estiverem seguros com sua linha melódica, todo o processo de ensino posterior pode ficar comprometido.

No quarto e quinto ensaios, iniciamos a segunda seção do arranjo. Percebi que os contraltos demonstravam maior dificuldade em comparação aos outros naipes. Quando cantávamos isoladamente a sua melodia, eles acertavam. No entanto, ao juntarmos com baixos e sopranos, desafinavam. Como afirma Komosinski (apud CLEMENTE, 2014, p. 102), “Algumas vezes os cantores aprendem bem a sua linha melódica, mas sentem bastante dificuldade em executá-la junto com as outras vozes. Isso pode acontecer pela linha melódica ainda não estar bem definida para os cantores no momento de juntar as vozes”.

Passei a dar atenção especial para os contraltos, pedindo que fizessem um esforço e ouvissem em casa a gravação de sua linha melódica, já disponibilizada no grupo do coro, no *whatsapp*. Enfatizei na maioria dos ensaios a importância desse recurso tecnológico disponível. Clemente (2014, p. 91) expõe o que acreditava um dos regentes entrevistados em sua pesquisa: “[...] enquanto coralista, contribuía muito para o seu aprendizado receber a gravação com a linha melódica de seu naipe em formato *MIDI*. Por isso – atualmente – procura disponibilizar esse material para os coralistas.”.

No sexto ensaio, iniciamos lendo apenas a letra da música. Em seguida, executei para o coro a separação das sílabas, de acordo com o ritmo, pedindo que repetissem. Chamei a atenção para algumas síncopes e contratempos que passavam despercebidos, além do salto da casa nº 1 para a casa nº 2, que alguns não estavam compreendendo através da partitura. Sempre que tive oportunidade, procurei abordar alguns conteúdos musicais que estavam presentes no arranjo, de modo que os coralistas percebessem na prática, os conteúdos teóricos que provavelmente estariam estudando. Percebi que, apesar de o coro ser formado por acadêmicos do curso de música, muitos pareciam não dominar a leitura musical e

conceitos básicos de teoria.

Desse modo:

Quando o coro não domina o solfejo gasta-se mais tempo para preparar as peças, pois é necessário ensinar a voz de cada naipe, e isso ainda pode repetir-se por alguns ensaios até que o grupo memorize a peça. Sendo assim, trabalhar outros aspectos musicais de uma peça, como dinâmica, afinação, sonoridade, caráter, pode demorar mais tempo para acontecer, ou mesmo nem se chega a trabalhar alguns desses detalhes menores pela dificuldade que há em trabalhá-los sem utilizar a partitura. Um cantor que não conhece o código musical e não sabe solfejar, fica limitado a apenas reproduzir o que ouve e compreende menos a música que executa.” (PINTO, 2008, p.1).

Por volta do sétimo ensaio, percebi que o coro ainda não estava seguro o suficiente para interpretar o arranjo *acappella*. Desse modo, passei a executar o acompanhamento harmônico ao piano. Como nos explica Borges (2007, p. 16), “A utilização de um instrumento, usualmente harmônico, contribui para manter a afinação do coro, principalmente nos casos dos iniciantes, onde a percepção e afinação ainda não estão plenamente desenvolvidas.”. Do mesmo modo, como não haveria tempo suficiente para trabalhar a percussão corporal, optei por substituí-la pela percussão instrumental.

Ao longo dos dois últimos ensaios, relembramos as vozes de cada naipe – isoladamente – mas de forma contínua, do início ao fim da música. Dessa forma, pretendia solucionar qualquer dúvida que ainda pudesse existir sobre cada linha melódica. Também foi possível trabalhar alguns aspectos relativos à expressão, articulações e fraseados da peça. Preparei uma gravação contendo o acompanhamento harmônico e a percussão para que eu pudesse reger o coro com maior liberdade e registramos em vídeo a performance, ao final do último ensaio.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher o tema do terceiro estágio supervisionado: *Ensaio e regência coral de um arranjo próprio da música Baião, de Luiz Gonzaga*, busquei aliar a prática do canto coral à composição e ao arranjo, por considerar áreas de conhecimento (ferramentas) essenciais na formação do professor de música.

Durante cada observação, pude conhecer um pouco melhor as características do Coro Universitário IPA, seus integrantes, repertório, assim como habilidades e limitações de seus cantores. Apesar de ter experiência como cantor de coro, observar a rotina de ensaios sobre o ponto de vista do regente foi algo inteiramente novo e válido, auxiliando muito para que pudesse fazer um bom planejamento para as atividades futuras.

Logo nos primeiros ensaios, assimilei uma das técnicas usadas pela professora, que poderia ser útil durante as minhas regências: O ensaio, separadamente, das linhas

melódicas de cada naipe, juntando duas a duas, para que os cantores pudessem ouvir a relação entre elas. Também percebi a importância do acompanhamento harmônico feito por um instrumento, principalmente nos primeiros ensaios, ajudando o coro a manter a afinação.

Dentro os pontos positivos, o grupo demonstrou muita energia e dedicação durante os ensaios. Havia pouca dispersão e a maioria estava constantemente disposta a aprender músicas novas e superar eventuais dificuldades presentes nos arranjos. Dentre os pontos negativos, destacaria a pouca regularidade de alguns cantores nos ensaios, deixando os naipes seguidamente desfalcados, além da falta de fluência no solfejo e domínio da leitura musical, por muitos dos cantores.

Durante as atividades, colocando em prática pela primeira vez um arranjo próprio, tive a oportunidade de vivenciar algumas das alegrias, assim como dificuldades, durante a rotina do regente de coro. Ao longo dos ensaios, precisei rever alguns pontos do meu planejamento para que obtivesse um melhor aproveitamento dos ensaios. Destaco a intenção que tinha de ensaiar pequenos trechos do arranjo de cada vez, o que não se mostrou efetivo na prática. Auxiliado pelos comentários da minha orientadora, percebi que os cantores demonstrariam melhor desempenho no aprendizado e execução das linhas melódicas, ao aprenderem trechos mais longos. Dessa forma, não perderiam a noção completa da frase, mantendo-se motivados durante as repetições.

A cada ensaio, à medida que percebia o arranjo tomando forma pela primeira vez, sentia grande motivação. Do mesmo modo, quando o coro não correspondia, como o esperado, sentia certa ansiedade na busca pela solução do problema, sempre com receio que o tempo disponível para as atividades fosse insuficiente para deixar o arranjo pronto para apresentar. Acredito que essa dicotomia de sentimentos seja algo recorrente entre os regentes de Coro, já que esses devem sofrer pressões psicológicas constantes, sejam elas decorrentes do pouco tempo de ensaio, limitações técnicas dos cantores, resultados práticos exigidos por patrocinadores, ou mesmo a própria autocrítica.

Por fim, acredito que essa experiência de estágio, em espaço não escolar, possibilitou que eu enxergasse melhor as habilidades que o regente/arranjador precisa desenvolver para trabalhar na área do canto coral, que vão muito além do domínio dos conteúdos teóricos musicais. Acredito que somente com o estudo e a capacitação contínua, desenvolvendo sempre novas estratégias de ensaio e ensino, o profissional pode propiciar uma experiência de aprendizado rica e relevante para os integrantes do coro; conseqüentemente, para o público que prestigia o espetáculo.

REFERÊNCIAS

- AMATO, R. de C. F. **Breve retrospectiva histórica e desafios do ensino de música na educação básica brasileira**. Opus, Belo Horizonte, v. 12, n. 12, p. 144-165, 2006. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/319>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- BORGES, J. (org.). **Dinâmica de Ensaio Coral**. São Carlos: [s. n.], 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/25997361/Dinamica-de-Ensaio-Coral>. Acesso em: 30 julho. 2019.
- CLEMENTE, L. **Estratégias didáticas no canto coral: estudo multicaso em três corais universitários da região do Vale do Itajaí**. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- FERNANDES, A.; KAYAMA, A.; ÖSTERGREN, E. **O regente moderno e a construção da sonoridade coral: interpretação e técnica vocal**. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.13, p. 33-51, 2006.
- FRANÇA, C. C.; SWANWICK, K. **Composição apreciação e performance na educação musical: Teoria, Pesquisa e Prática**. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 3, n. 21, p. 5-41, dez. 2002.
- GABRIEL, M. **Educ@r: a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- MATEIRO, T.; SOUZA, J.; (org.). **Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- NASCIMENTO, J. L. de J.; BUSS, R. N. **O canto coral como instrumento facilitador da aprendizagem no Ensino Superior: o processo de socialização no canto coral**. *Revista São Luis Orione*, Araguaína, v. 1, n. 5, p. 37-59, jan./dez. 2011.
- PEREIRA, F. V. **As práticas de reelaboração musical**. 2011. Tese (Doutorado em Musicologia) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PINTO, D. D. T. **O aprendizado do Solfejo no Canto Coral**. 2008. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- PRUETER, P. B. **O Ensaio Coral sob a perspectiva da performance musical: abordagens metodológicas, planejamento e aplicação de técnicas e estratégias junto a corais amadores**. 2010. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

ELISÂNGELA MAURA CATARINO - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 9, 15, 17, 18, 91
Arquitetura 75, 77, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94
Arranjo 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 83

C

Ciências Cognitivas 62
Corpo 43, 51, 53, 54, 59, 64, 66, 89, 91, 93, 101, 119, 122, 127, 128, 129, 130, 158
Cultura 15, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 64, 80, 90, 92, 95, 96, 100, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 151, 152, 153, 155, 158, 159, 160

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 27, 28, 36, 62, 108, 112, 135, 148, 159, 160, 161
Epistemologia Evolucionária 38, 39, 40, 41, 42, 43, 48, 51
Estágio Curricular 19, 21
Estética 93, 114, 115, 117, 123
Experiência 4, 5, 6, 19, 20, 21, 25, 26, 64, 69, 79, 80, 81, 85, 93, 114, 124, 129, 148, 150, 152, 154, 155, 156

F

Formação Continuada 1, 2, 3, 5, 6, 7, 16, 148, 159
Formação Docente 1, 3, 6

I

Identidade 6, 55, 86, 89, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 110, 111, 112, 113, 154, 159
Idosos 14, 15, 30, 31, 33, 35, 36, 105, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 130, 132, 149

L

Linguagem 11, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 72, 73, 74, 86

M

Manifesto 2, 88, 90, 91, 92, 93, 94
Memória 5, 13, 63, 75, 78, 84, 85, 86, 95, 96, 97, 101, 103, 104, 105, 107, 112, 113
Migração 151, 152, 154
Moda 46, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94
Mulheres 28, 29, 30, 31, 106, 149

P

Políticas Educacionais 1, 3, 4, 7, 8, 159, 161

Precipitação 134, 136

Prototipação 118, 123, 124, 128, 131

R

Relato de Experiência 19, 148

Robótica Afetiva 120, 122, 131

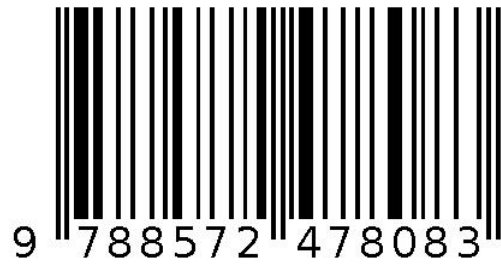
T

Tecnologias 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 23, 42, 121

Tendência 31, 34, 61, 77, 143

Teoria Literária 54, 60

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-808-3



9 788572 478083